

5

Considerações Finais

“A essência do trabalho psicanalítico é ter formas específicas de funcionamento simbólico, pulsional e afetivo, em que possamos saber intuir, acolher o que o outro está dizendo de um lugar inteiramente diferente do nosso, para saber o que ele quer nos dizer, o que quer de nós e por que ele nos escolhe como interlocutor... Por que essa escolha é feita sobre mim, que tipo de exigência é feita à minha subjetividade e ao meu corpo?” (BIRMAN, 1996, p.67-68).

No decurso do processo analítico não somente as associações verbais nos ajudam a entrar em contato com a via que leva ao inconsciente. Passo a passo, analista e analisando, através da transferência e a partir da crescente possibilidade de se constituir uma experiência de confiança que permeie esse campo transferencial, que é um campo afetivo, vão entrando em contato com novas formas, novos índices significativos, relativos à história de vida, mais precisamente, à infância precoce registrada em uma memória corporal. Essa memória corporal se constitui por meio de sensações intensas, marcantes, não significadas, não representadas através da palavra, mas que mantém uma intensidade pungente, atuante, porém, muitas vezes, muda, silenciada. Essa história, no entanto, está marcada no corpo.

Os pacientes que apresentam dificuldade de expressão pela via representacional, ou mesmo, certos momentos numa análise indicam que há a necessidade de se incluir novas possibilidades técnicas e, por conseguinte, uma ampliação teórica, indicam a necessidade da escuta do corpo.

Fontes (2010) considera que a dimensão corporal da transferência cria condições de acesso à experiência sensorial precoce do analisando, na qual o inominável pode receber significação. A autora sugere que as associações de sensações sejam também incluídas no trabalho analítico e não apenas a associação de idéias. Algo que está presente, mas não restrito à lógica discursiva. Essas sensações estão ligadas a afetos, a experiências afetivas não significadas que precisam receber um sentido na análise.

Entrar em contato com essa via reveladora do inconsciente, com esses registros sensoriais que fazem parte da história do analisando e possibilitar que sejam desveladas exige do analista disponibilidade emocional. A conquista desse

campo transferencial, desse espaço que é interno, mas também é externo, é, na verdade, uma conquista de ambos. O analisando também observa as ações e reações do analista, percebe também através de certas sutilezas como o olhar, o tom de voz e toda a comunicação verbal e não-verbal presente e atuante, principalmente em momentos mais regressivos na análise.

A presença sensível do analista permite que a confiança, que é fundamental para o processo analítico, possa se constituir. Entendemos como presença sensível o analista não invasivo, que oferece o espaço e tempo necessários ao analisando, que reconhece sua alteridade e através de sua presença e manejo possibilita a criação de um espaço na qual é possível o brincar espontâneo (Winnicott, 1971), que decorre entre outros fatores da percepção pelo analisando da atitude sincera do analista (Ferenczi, 1927).

O analista capta as sensações que emanam através dos movimentos corporais, das posturas, dos gestos, das palavras e também através do silêncio. Em alguns momentos esses indícios correspondem, dão contorno ao conteúdo expresso por meio do discurso lógico, mas nem sempre. Em outros momentos podemos captar a dissociação entre o que é revelado através do corpo e o conteúdo das palavras. A entonação, o ritmo, as pausas, a própria respiração revela o que muitas vezes escapa ao conteúdo expresso na linguagem verbal.

Essas sensações que estão presentes no campo transferencial, que emanam e são comunicadas por nosso analisando são muitas vezes extremamente sutis, captadas como um certo clima, uma onda de sensação intensa que preenche o espaço analítico. O analista capta esse clima, capta essa gama de sensações intensas e procura metabolizá-las, transmite a seu analisando através de proposições, como questão e não através de afirmações que fechariam o vínculo comunicativo, encerrariam a investigação ou até mesmo representariam um desvio, uma interpretação invasiva. É, acima de tudo, necessário que o analista acompanhe seu analisando nesse processo, mas sem atitude diretiva. É necessário que o analista não roube a chance de seu analisando poder chegar por ele mesmo a sua descoberta, que terá um sentido próprio, uma conquista verdadeiramente significativa a respeito de si, de sua história.

O analista, portanto, vai até onde o analisando pode receber essa metabolização. O ritmo desse processo é dado pelo analisando. O importante não

é a interpretação que pode ser dada, mas o efeito das proposições feitas pelo analista, através dessa experiência compartilhada que gera movimento psíquico.

Os sentidos são então construídos passo a passo. Não por efeito de uma interpretação que vem do analista que soaria muitas vezes como uma palavra vazia ou mesmo invasiva, mas um sentido que é dado pelo analisando a partir dessa experiência compartilhada, um trabalho de troca, um dar e receber que se mantém vivo através de uma base afetiva.

A dimensão afetiva é fundamental no processo analítico, ela dará condições de acesso ao que está silenciado, ao inominável que pode receber um sentido através da experiência regressiva na análise.

Em 1924, Ferenczi preocupado com o distanciamento da teoria psicanalítica do fator técnico terapêutico, aponta para a necessidade de se engendrar uma clínica em que a história infantil arcaica pudesse ter espaço na análise, pudesse ser acolhida e reconstruída.

Figueiredo (2010) desenvolve em seu artigo sobre a tradição ferencziana de Winnicott uma importante descrição de aspectos relativos à regressão terapêutica. A concepção teórico-clínica de Ferenczi a respeito dos processos regressivos se distancia, como ressalta Figueiredo (2010), da concepção de Freud, pois não aponta para a morte ou zero de tensão e também se distancia da visão kleiniana de uma destrutividade congênita. Para Ferenczi, a regressão aponta para uma passividade no sentido de retorno às formas primordiais de vida, descrita em Thalassa (1924).

Essa visão da experiência regressiva é explorada por Winnicott através da noção de “regressão à dependência”. Figueiredo, ainda nesse artigo, nos diz que a regressão para Ferenczi está muito ligada às experiências traumáticas:

Os traumas – choques inesperados geram rupturas no ego (no self, na continuidade do ser) – exigem para a sua “liquidação” uma renovação de experiências vitalizantes a serem procuradas no plano de um movimento de retorno no ambiente primário - daí a noção de regressão materna ou thalássica - uma regressão ao seio do ambiente líquido em que a vida surgiu (FIGUEIREDO, 2010, p. 11).

As vivências traumáticas quando seguidas por experiências que correspondam a um retorno de um estado de paz, proteção, amparo, “colo” que nutre e protege, podem vir a se tornar, pelo menos parcialmente, vivências

estruturantes, pois puderam ser ultrapassadas como algo que fez parte da história vivida e de alguma forma significada.

O trauma, na concepção ferencziana, deixa de ser estruturante e se torna patogênico quando o ambiente não oferece condições de uma experiência reparadora, quando a regressão não é possível. Ferenczi ressalta o fator exógeno na questão traumática: o desmentido pelo adulto. A negação do acontecimento imposta pelo adulto ratifica o total esvaziamento de sentido, a fragmentação vivida na absoluta solidão e no abandono real do adulto próximo na qual a criança depositara confiança.

A consequência para o psiquismo, ou melhor, para o psicossoma da criança em formação, é a fragmentação e a formação de defesas muito primitivas baseadas em clivagens.

As diversas modalidades de retorno à quase morte como forma de manutenção da vida, seja pelo mimetismo puro, pela identificação com o agressor, pela autotomia (em que partes são descartadas para que o resto sobreviva) e pela autoanestesia, sempre estiveram no foco ferencziano em seus trabalhos clínicos com os pacientes traumatizados e em suas teorias a respeito (FIGUEIREDO, 2010, p. 14).

As clivagens e dissociações correspondem à defesa possível encontrada pela criança traumatizada pela impossibilidade de regressão à dependência em um ambiente confiável. A noção de regressão à dependência, segundo Figueiredo (2010) se baseia na concepção de dependência absoluta desenvolvida por Winnicott.

A fase de dependência absoluta corresponde ao período em que a provisão do ambiente é fundamental e de tal forma que representa um alto grau de adaptação do ambiente ao bebê, uma adaptação sensível por parte da mãe às necessidades do bebê possibilita a experiência de continuidade de ser. Winnicott nos diz a respeito das necessidades do ego na dependência absoluta: “ninguém é capaz de segurar um bebê a menos que seja capaz de se identificar com ele” (WINNICOTT, 1963d, p.82).

No processo analítico, alguns pacientes precisam desse “colo” que assegure a continuidade de ser, que transmita a sensação de amparo consistente, propiciando uma experiência significativa e restauradora. Ferenczi considera

imprescindível um processo regressivo para restaurar falhas disruptivas que ocorreram no início da vida.

Figueiredo (2010) lembra que há, na concepção ferencziana, uma possibilidade de restauração no sujeito traumatizado, uma possibilidade nova em que “instintos vitais organizadores” podem ser despertados.

O autor contribui a respeito ao afirmar a importância do paciente atravessar um movimento regressivo como possibilidade do resgate de uma confiança básica em contraste com atitudes defensivas extremadas e posições de ambivalência e sofrimento que impedem a própria capacidade de representação (Figueiredo, 2009).

A citação no início dessa parte do trabalho nos ajuda a relevar alguns pontos desenvolvidos que têm sido estudados e compõem a reflexão desenvolvida por autores contemporâneos, e que trazem, sobretudo, a marca da contribuição ferencziana, como salienta Birman (1996).

A escuta analítica e todo o amplo e complexo espectro que envolve o trabalho analítico parte do reconhecimento ético da singularidade de cada sujeito e de cada encontro em particular, o que significa que o caminho trilhado não é previamente estabelecido, não é preconcebido, mas se constitui a cada passo, onde o permanente questionamento é fundamental. Tal questionamento, fruto de impasses e mesmo da angústia presente nesse processo, se contrapõe a qualquer dogmatismo, a qualquer doutrinação. Esse caminho é também um percurso de descobertas e de revivências, na qual o estranho e o familiar, o possível e o impossível mantêm a permanente tensão e instabilidade próprias desse interjogo.

A escuta e o acolhimento são importantes para a clínica do sensível. A escuta analítica precisa incluir a linguagem que o corpo comunica. Corpo que contém uma história que se mantém viva e atuante. “Em realidade o corpo já estava lá onde a história se fazia. O corpo é testemunha de todas as circunstâncias vividas pelo indivíduo. Ele não esquece e mantém a memória do acontecimento” (FONTES, 2010, p.16).

O acolhimento dessa linguagem pelo analista, dessa memória corporal, possibilita a ampliação e o aprofundamento do campo de investigação na experiência analítica, possibilita também ao analista estar receptivo e sensível para intuir e captar outros índices significativos de comunicação e não somente a linguagem verbal.

A subjetividade, o corpo do analista capta, acolhe as múltiplas expressões presentes no campo transferencial, sensações muitas vezes relativas a sentimentos, angústias não traduzíveis em palavras, permeadas por uma atmosfera somente “passível de ser sentida” (ROZENTHAL, 2009, p. 245).

O ritmo, o momento de fazer proposições estará de acordo com o ritmo próprio de seu analisando, de seu momento no processo analítico. Reconhecer essas particularidades, mas ao mesmo tempo poder mantê-las num processo dinâmico e vivo é primordial. A sensibilidade do analista para reconhecer essas sutilezas, poder estar atento ao ritmo de seu analisando, poder acompanhá-lo nesse processo é muito importante. O analista coloca-se como “agente propiciador de um campo intensivo com potencial de engendrar a mudança do cenário transferencial” (Rozenhal, 2009, p. 245).

Essa sintonia criada pela dupla analítica permite a vivência de uma tranquilidade, talvez nunca experienciada antes. É também o que permite o estabelecimento crescente da confiança. Essa base estruturante da relação analítica cria espaço para uma experiência que torna desnecessário o emprego de certas defesas e possibilita o brincar criativo (Souza, 2003).

A referência ao que Winnicott nos diz sobre o brincar espontâneo inclui também as falhas presentes no processo analítico e, sobretudo, torna essa vivência significativa e verdadeira para ambos. De qualquer forma, cabe salientar que as falhas são necessárias, estão presentes sempre, mas são suportáveis na medida em que uma base de confiança pôde ser estabelecida e a dependência pôde deixar de ser absoluta. Passar por essa experiência possibilita um novo começo.